

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/314685346>

# Introdução do ideário Cidade-Jardim no Brasil

Chapter · January 2014

---

CITATIONS

0

READS

182

1 author:



**Ricardo Trevisan**

University of Brasília

31 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Territórios entre-Metrópoles [View project](#)



Brasília: history and historiography [View project](#)

# Introdução do ideário Cidade-Jardim no Brasil

Ricardo Trevisan<sup>1</sup>



Desenho de Wagner Crane “Cidades-Jardins e Planejamento Urbano”, para a segunda edição do livro de Ebenezer Howard *Garden Cities of To-morrow*, em 1902. (fonte: HARDY, 1991, p.17)

## Introdução

Quando as palavras *Cidade* e *Jardim* são utilizadas conjuntamente, formando o substantivo composto *Cidade-Jardim* – citado inúmeras vezes em aulas, livros, artigos científicos, palestras ou até mesmo em anúncios propagandísticos –, levam a inúmeras interpretações. Leigos podem afirmar que são cidades ajardinadas; aqueles com pouco mais de conhecimento podem classificar como cidades detentoras de qualidades da zona urbana e da zona rural; moradores de grandes centros urbanos podem se referir aos bairros suburbanos, arborizados, pouco adensados e com traçados viários tortuosos. Já estudiosos de plantão explanarão sobre a teoria de cidade ideal elaborada pelo inglês Ebenezer Howard em fins do século dezenove, ou lhe atribuirão a função de controle do

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), da Universidade de Brasília (UnB). Membro pesquisador do Laboratório de Estudos da Urbe (LabEUrbe/PPPG-FAU-UnB). E-mail: prof.trevisan@gmail.com

crescimento de metrópoles pela criação de cidades-satélites. Enfim, possibilidades! Nesse sentido, ao reunir, a partir de uma bibliografia específica, dados e informações sobre as origens da Cidade-Jardim, sobre seu criador, sua concepção, sua difusão mundo afora e sua ressonância no Brasil, este trabalho se apresenta como uma particular contribuição ao melhor entendimento desse tipo urbanístico, tão importante na história da urbanização recente e, porque não, na gênese da cidade sustentável.

## **O ideário e sua difusão**

O ideário *Garden-City* ou Cidade-Jardim, assim como as demais propostas e tipos urbanísticos do mesmo período (*e.g.* Cidade Linear de Arturo Soria y Mata, 1882; Cidade Artística de Camillo Sitte, 1889; Cidade Industrial de Tony Garnier, 1904; Cidade Modernista de Le Corbusier, 1922; dentre outros), surgiu como resposta à situação de crescimento *autoderrotador* na qual as cidades dos países industrializados se encontravam.

A proposta do taquígrafo inglês Ebenezer Howard (1850-1928) foi fundamentada na junção das qualidades existentes no campo com as qualidades existentes na cidade, reaproximando o homem da natureza por meio de reformas (social e da terra), como o próprio autor expõe em sua obra:

A questão é universalmente considerada como se agora fosse (e assim devesse permanecer para sempre) completamente impossível para os trabalhadores viver no campo e apesar disto dedicar-se a atividades outras que não a agricultura; como se cidades superpovoadas e malsãs fossem a última palavra em ciência econômica e como se fosse necessariamente permanente nossa atual forma de produção, na qual linhas cortantes separam as atividades agrícolas das industriais. Essa falácia é aquela muito comum de ignorar por completo a possibilidade de outras alternativas além daquelas apresentadas à mente. Na verdade, não há somente duas alternativas, como se crê - vida urbana ou vida rural. Existe também uma terceira, que assegura a combinação perfeita de todas as vantagens da mais intensa e ativa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia. (HOWARD, 1996)

A solução dos problemas socioculturais da cidade industrial estaria no retorno do homem ao campo cujo contato com a natureza seria capaz de manter seu bem-estar físico e moral. Howard acreditava que:

(...) a superioridade da vida rural incentivaria o interesse em preservar a paisagem campestre inglesa dos efeitos do crescimento urbano e industrial descontrolado. (...) Os pobres de cidades

congestionadas – era argumentado – deveriam entrar em contato urgente com a natureza para o seu bem-estar moral e físico. (WARD, 1992)

Condensando este ideal, a concepção howardiana apresentou-se como o mais adequado plano de construção do espaço *Eutópico* (o bom espaço) de Patrick Geddes. Longe da grande cidade vitoriana e seus problemas – poluição, cortiços e especulação imobiliária –, Howard propunha cidades de pequena e controlada dimensão no interior da Inglaterra, com solo urbano pertencente a uma cooperativa (negação à propriedade privada), habitadas por pessoas vindas da capital ou de outras cidades com as mesmas dificuldades (CREESE, 1992; HALL, 1988).

Os conceitos da *Garden-City* tornaram-se públicos no ano de 1898, com a obra *Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform* (*Para o – Amanhã: Um Caminho Tranquilo para a Reforma Autêntica*). Reeditado em 1902, com o título *Garden Cities of Tomorrow* (*Cidades-Jardins de Amanhã*), este documento tornou-se ícone para o urbanismo moderno ao apresentar um novo modelo urbano – uma cidade diferenciada em seus aspectos físicos e em sua organização econômica, política e social.

No ano de 1903, ocorreu a primeira concretização do modelo proposto por Howard mediante a criação da cidade de Letchworth (Inglaterra), elaborada pelos arquitetos Raymond Unwin (1863-1940) e Richard Barry Parker (1867-1947). O segundo exemplar inglês foi realizado anos mais tarde, em 1919, com o projeto para Welwyn Garden City, de Louis de Soissons. O conceito de Cidade-Jardim não ficou, entretanto, restrito ao campo do urbanismo de Cidades Novas. Como exemplo, em 1907, Unwin e Parker derivam a escala de Cidade-Jardim em Subúrbio-Jardim (um loteamento residencial com elementos característicos à *Garden-City*) no plano de Hampstead, periferia de Londres.

O ideário, com isso, teve maior repercussão não apenas na Inglaterra senão também em outros países, tornando-se um Movimento, “antecipando em quase três décadas o movimento dos modernistas” (ANDRADE, 1998).

O Movimento Cidade-Jardim se fez a partir de mecanismos de difusão os mais diversos: viagens e contatos profissionais, livros, exemplares, exposições, periódicos mensais, palestras, entre outros (BEEVERS, 1988). A circulação dos conceitos deste ideário em diversos países acarretou em sua materialização: cidades novas, cidades satélites,

subúrbios-jardins, ou simplesmente bairros-jardins, porém, com variações que vão desde a reprodução física ou plástica simplesmente até a soma dos conceitos originais com as necessidades locais (“Aculturação”<sup>2</sup>). Neste sentido, Leonardo Benevolo, em *História da Arquitetura* (1976), registrou:

O termo “cidade-jardim” deve ser entendido com as limitações que já foram vistas: não cidade, mas bairro satélite de uma cidade, dotado de um relacionamento favorável entre edifícios e áreas verdes e sujeito a certos vínculos a fim de que o caráter do ambiente seja respeitado.

(BENEVOLO, 1976)

A ressonância do ideário vai ser exposta em várias obras literárias, dentre elas, o livro *The Garden City. Past, present and future* (1992), organizado por Stephen V. Ward, em que diversos autores levantam exemplares de Cidades-Jardins pelo mundo. Como exemplo, a Cidade-Jardim na França, com a participação de Georges Benoît-Lévy e seu livro *Le Cité Jardin* (1904); e a produção do bairro de Suresnes na periferia de Paris. A Cidade-Jardim (*den-en toshi*) no Japão, introduzida pelo promotor urbano Tomoichi Inouye no ano de 1905 e pelo projeto de Yoshikasu Uchida para Tamagawadai, em 1918. A Hellerau (1910) e a Falkenberg (1913-14), de Bruno Taut, e os modelos de Cidade-Jardim no período entre Guerras na Alemanha. O exemplo de Milanino (1910) na Itália. A Cidade-Jardim na Austrália, com que ingleses iniciavam um processo de urbanização do território. E a Cidade-Jardim nos Estados Unidos da América, com uma atenção maior para as Unidades de Vizinhança e à política de ocupação regional.

A ampla difusão deste Movimento ainda contou com o reforço proveniente de associações formadas em torno de um ideal: construir exemplares ao redor do planeta. Entre elas, encontra-se a *International Garden City Association*, constituída nos anos 1920, e a trilha da produção teórica de alguns profissionais que se aproximavam ideologicamente e reforçavam as ideias howardianas, como a obra *Cidades em Evolução* (1916) do inglês Patrick Geddes.

Especificamente no Brasil, sabe-se que a incorporação do ideário ocorreu em propostas relacionadas principalmente com a elaboração de loteamentos residenciais e ao projeto de cidades novas com finalidades diversas (e.g. administrativas: Goiânia e Brasília; empresariais: Monlevade; de colonização do território: Maringá e Cianorte; e

---

<sup>2</sup> Para o escritor Bernard Lepetit (2001), o método de incorporação de ideais, conceitos, modelos – mediante os mais diversos meios –, adequando-os à cultura local, é denominado de *Aculturação*.

recreativas: Águas de São Pedro). Mas como, de fato, a ressonância foi sentida e absorvida no Brasil, em planos urbanísticos diversos?

## **Introdução do ideário Cidade-Jardim no Brasil**

A acolhida da inovação depende da situação do meio receptor.

Bernard Lepetit (2001, p.36)

O Movimento Cidade-Jardim teve ressonâncias em diversos países ao redor do planeta, dentre eles, o Brasil. Esta ressonância, tal as das demais vertentes, na urbanística moderna brasileira, foi possibilitada: pela vinda de profissionais estrangeiros, envolvidos com o tema, para prestar serviços ao Estado ou às empresas privadas de loteamento; pela circulação das ideias deste Movimento via revistas e livros; por viagens didáticas de nossos profissionais por lugares onde se faziam presentes os pressupostos howardianos ou por palestras e congressos que abordavam o tema em questão.

A transição deste ideal ou de suas adaptações (mutações) para a urbanística nacional, todavia, sofreu influências tanto do contexto como dos atores envolvidos. Dessas interferências, surgiram algumas propostas projetuais que mantinham as premissas defendidas por Howard; e outras que criavam uma nova linguagem e as que desconfiguravam o ideal por completo.

Embora os meios disponíveis na época não permitissem uma interação mais rápida entre profissionais e novas propostas conceituais, dados revelam que a aplicação dos conceitos de Cidade-Jardim em planos urbanos nacionais datam de 1915, doze anos após a construção da primogênita Letchworth.

### **Antecedentes**

A busca por áreas verdes dentro do espaço urbano, na Europa e Estados Unidos da América, visando a revigorar a saúde e a alma das mazelas causadas pela cidade moderna, tornou-se hábito também para população urbana brasileira após o fim do período colonial (MARX, 1980). Reflexo da cultura iluminista que adentrava no país e da expansão dos maiores centros urbanos, tal hábito era praticado nos recém-inaugurados jardins públicos, localizados nas bordas das cidades, em terrenos ruins para arruamento ou construção, ou nas orlas marítimas (SEGAWA, 1996).

Com as normas sanitárias adotadas em fins do século dezenove, os recuos estabelecidos por legislação específica – código de obras para as construções (especialmente às residências) – possibilitaram que áreas verdes fossem inseridas, em maior quantidade, ao espaço residencial. Há que se lembrar que o único recuo, existente até então, eram os quintais de fundo, utilizados para cultivos diminutos. Este processo de isolamento da habitação no lote urbano iniciou-se nas classes abastadas da população – barões, industriários, burgueses – cujos palacetes de estilo neoclássico ou eclético eram implantados, num primeiro momento, com recuos laterais e, anos depois, com recuos laterais e frontais. Além da inserção dos recuos, ao longo do tempo, também houve variação nos espaçamentos estabelecidos entre a construção e os limites do lote, fosse esta determinada pela dimensão mínima estipulada por lei, pelas necessidades de ampliação da casa ou pela inclusão de garagem frontal para o automóvel. Foi, no entanto, com a chegada dos conceitos de Cidade-Jardim no Brasil que esta aproximação entre o homem citadino e a natureza se deu de forma mais emblemática.

De acordo com informações obtidas (ANDRADE, 1998; LEME, 1999; WOLFF, 2001), encontram-se dois pontos marcantes que possibilitaram a nossos profissionais tomarem conhecimento dos conceitos howardianos. Em ordem cronológica, o primeiro momento data do ano de 1915, quando a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited* (ou Companhia City, como também era conhecida) contratou o escritório dos arquitetos ingleses Raymond Unwin e Richard Barry Parker para elaborarem o projeto do bairro Jardim América na capital paulista. O segundo momento está relacionado à vinda do urbanista francês Donat Alfred Agache ao Rio de Janeiro, em 1927, o qual, em palestras conferidas nessa cidade, expôs os conceitos elaborados por Howard para diversos profissionais e meios de comunicação impressa, acarretando uma proliferação deste ideal por diversos estados do país.

### **Primeiro ato: São Paulo**

A constituição da *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited* no ano de 1911, na Inglaterra, pelo banqueiro Edouard Fontaine de Laveleye foi o marco para as transformações urbanas que se sucederiam na capital paulista nos anos seguintes. Assessorada pelo arquiteto francês Joseph-Antoine Bouvard, responsável pelas obras de embelezamento do Vale do Anhangabaú e por Victor da Silva Freire (diretor de Obras Públicas da Prefeitura de São Paulo), a Companhia City comprou

diversas glebas de terrenos nas zonas oeste e sul da região central, configurando-se assim como uma companhia imobiliária.

Aplicando uma enorme quantia de capital na compra destes terrenos, a Companhia viu-se na necessidade de explorar sua valorização. Para isso,

(...) ela conseguiu atrair uma clientela rica, disposta a abandonar as antigas zonas residenciais (ou mesmo as recém-conquistadas) à classe média e baixa, graças a um programa novo que se inspirou nos princípios aplicados nas cidades-jardins inglesas, cujas vantagens foram refletidas por uma propaganda inteligente. (BRUAND, 1991)

O primeiro contato brasileiro com as ideias howardianas foi feito por Victor da Silva Freire que, a convite do diretor gerente da Companhia City: Mr. Gurd, visitou a Cidade-Jardim de Letchworth e o Subúrbio-Jardim de Hampstead em Londres (WOLFF, 2001). Conectado aos ideais de rendas fundiárias trabalhados por Howard, e da adaptação de Cidade-Jardim para Subúrbio-Jardim, idealizada por Unwin, Freire elaborou seu estudo *Códigos sanitários e posturas municipais sobre habitações: alturas e espaço, um capítulo de urbanismo e de economia nacional* (1918), no qual estabeleceu parâmetros para as questões de arrendamento do solo urbano e dos custos de alojamento para o Brasil.

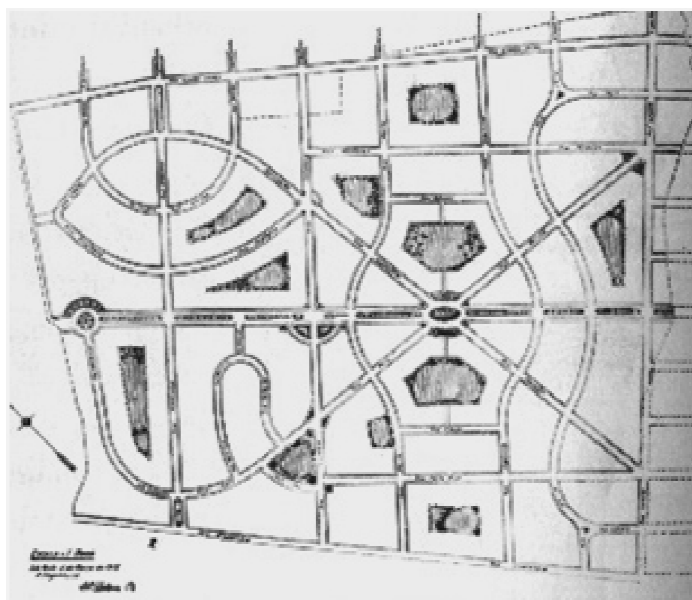
Em 1915, a própria Companhia City contratou os serviços dos arquitetos Unwin e Parker, projetistas de Letchworth e Hampstead, para elaborarem seu primeiro loteamento residencial: o Jardim América (**Fig. 01**). No começo, sob responsabilidade de Unwin, o projeto foi assumido por Parker que, após passagem por Portugal, instalou-se na capital paulista entre os anos de 1917 e 1919. Sobre a área escolhida para o empreendimento o arquiteto inglês explanou:

Em minha primeira visita ao Jardim América eu percebi que seu poder de atração para moradores teria que ser em grande parte o de uma atração criada. Com isso eu quero dizer que a falência ou o sucesso dependem em um grau excepcional do projeto, planejamento e gerenciamento e do tipo de casa e morador escolhidos. (Richard Barry Parker, 1919, *in* SEGAWA, 2002)

Deste modo, o plano atrativo requerido, levou o arquiteto a trabalhar os conceitos de Cidade-Jardim no loteamento. Tomou-se como partido a divisão da gleba em duas partes iguais sendo espelhadas a partir de uma ampla e larga avenida que cortaria o centro da localidade. Imaginou-se esta via (Avenida Brasil) como a ligação desta área com o restante da cidade. No interior das duas glebas, a racionalidade do traçado



externo (permitido pela topografia plana) cedeu lugar a formas mais orgânicas. A relação harmoniosa entre espaços públicos e privados foi dada pela ambientação pitoresca permitida pelas vias sinuosas e pela composição arbórea (implantada tanto nas vias como nos recuos dos lotes). Os lotes, extremamente amplos para a época, seriam providos de habitações (algumas delas projetadas pelo próprio Parker) do tipo bangalô, isoladas em meio a um amplo jardim e separadas da via e dos lotes vizinhos por cercas vivas de altura reduzida (ANDRADE, 1998). Os espaços resultantes no interior das quadras seriam utilizados para uso comum dos moradores como pequenos parques coletivos, confirmando assim o caráter social que Howard defendia para seu modelo urbano<sup>3</sup>. Única ressalva que se faz é a da ausência de estabelecimentos comerciais ou de serviços que existiam no plano do subúrbio-jardim de Hampstead.



**Fig. 01** Jardim América, São Paulo. Projeto de Unwin e Parker, em 1915 (fonte: LEME, 1999)

Este projeto tornou-se referência para os demais loteamentos adotados pela Companhia City em sua empreitada pela capital paulista. Sendo direcionados para a classe de alta renda, como o Jardim América (1915), Pacaembu (1925) e Anhangabaú (data ignota); para classe média, como Alto da Lapa (1921), Alto de Pinheiros (1925) e Bela Aliança (data ignota); ou para classe operária, como Vila Romana (data ignota), Butantã (1935), Jardim Londrina (data ignota) e Vila Inah (data ignota), os preceitos howardianos foram

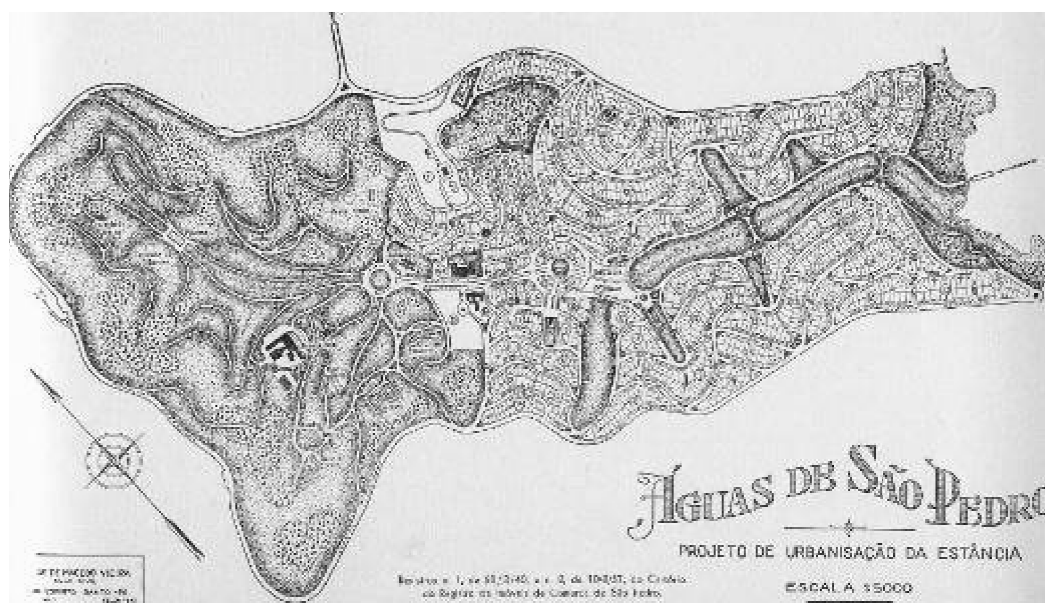
---

<sup>3</sup> Anos mais tarde, após a ocupação do loteamento, esta área ficou sem uso e sem cuidados necessários, levando a Companhia a parcelá-la e vendê-la como novos lotes residenciais (consequência: aumento do adensamento inicial proposto e descaracterização do conceito Cidade-Jardim, no que se refere à socialização do espaço urbano).

inseridos em seu partido de forma a constituir na capital paulista uma rede de loteamentos e bairros verdes.

Por exemplo, o bairro do Pacaembu, segundo loteamento projetado por Parker, apresentou características particulares devido à adequação do traçado ao terreno acidentado para o qual foi proposto. As vias em curva, desenhadas para acompanhar as linhas topográficas, favorecendo, assim, o deslocamento sobre o terreno, também permitiram causar uma atmosfera mais íntima e protegida aos habitantes deste bairro. Inseridos neste sistema viário labiríntico, os lotes foram dispostos de forma a integrar a habitação tanto com relação aos acessos (via) quanto a áreas verdes reservadas – ao fundo dos lotes, abertas à paisagem do fundo do vale.

A rica produção urbanística do arquiteto inglês (também projetista do Parque do Trianon) não se limitou ao universo da Companhia City, influenciando, fora dela, um grupo de urbanistas paulistas deste período. Dentre eles, destacam-se o arquiteto Jorge de Macedo Vieira (responsável pelos projetos de bairros e cidades novas, como Águas de São Pedro [Fig. 02], TREVISAN, 2003) e o engenheiro Henrique J. Pujol que realizou os projetos dos bairros operários Vila Romana, Butantã e Vila Inah, para a Companhia City.



**Fig. 02** Projeto urbanístico da estância balneária de Águas de São Pedro, do engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira, de 1936. Fonte: TREVISAN, 2003.



O nosso traçado aproxima-se do indicado por Barry Parker, o célebre *town-planner* que esteve entre nós. Mas este, se não nos enganamos, desejava uma ampla faixa de verdura (e aqui acrescenta a seguinte nota: “Certamente influenciado pela cintura isolante [terrenos agrícolas] que ajudara a projetar em Hampstead. Acabamos de ver a opinião diferente de *Elerstadt*, em quanto se refere às grandes cidades”), ao passo que nos limitamos a uma largura menor e preocupamo-nos mais com a circulação. (Prestes Maia, 1930, *in* ANDRADE, 1998)

De modo semelhante, os trabalhos do arquiteto inglês tiveram influência sobre o repertório do engenheiro-arquiteto Luís de Anhaia Melo, que, somados aos princípios de Unidade de Vizinhança norte-americana, levaram-no a propor, em 1933, a concepção de “Cidade Celular”.

Assim, a aplicação dos conceitos de Cidade-Jardim na capital paulista ocorreu de forma intensa entre as décadas de 1910 e 1930, fomentadas por ações de agentes de capital privado que buscavam, a partir deste tipo urbanístico, garantir a lucratividade de seus lançamentos imobiliários. Reconhecendo-se a importância de tal exemplar no exterior, estas Companhias loteadoras não economizaram recursos para incorporar estes conceitos no projeto urbanístico e arquitetônico destes bairros, chegando a trazer um dos protagonistas deste Movimento para trabalhar em São Paulo, por dois anos. Mesmo tendo adentrado por um viés capitalista, este ideário conquistou adeptos e se proliferou pelas cidades paulistas e de outros estados, introduzindo aos moradores urbanos um novo conceito de se habitar a cidade brasileira do século vinte.

### **Segundo ato: outros estados**

Se, em São Paulo, a produção urbanística incorporando os conceitos howardianos se fez presente desde a década de 1910, nos outros estados brasileiros, isso ocorreu de forma mais intensa, apenas a partir de fins da década de 1920.

No Rio de Janeiro, os ideais defendidos por Howard foram apresentados pelo urbanista francês Alfred Agache em sua terceira conferência, ministrada na cidade em 1927, traçando um paralelo entre o modelo inglês e as favelas da cidade carioca. Isto se faz presente em seu discurso, extraído do texto de Flávio Villaça, *Uma Contribuição para a História do Planejamento Urbano no Brasil* (1999):

As cidades-jardim são pequenas aglomerações satélites criadas perto de grandes centros urbanos (...). Possuem, como indica o nome, muitos jardins públicos e particulares e sua organização é estudada sob o ponto de vista social formando uma entidade completa. (...) A favela também é

uma espécie de cidade satélite de formação espontânea, que escolheu, de preferência o alto dos morros, composta porém de uma população meio nômade, avessa a toda e qualquer regra de higiene. (Donat Alfred Agache, 1927, *in* VILLAGA, 1999)

Tal como Agache, outros profissionais inteirados com o real sentido de Cidade-Jardim defenderam a aplicação deste conceito como seu idealizador inglês propunha. Dentre estes, o arquiteto Attilio Corrêa Lima que, um ano antes de projetar a nova capital de Goiás, projetou o plano da Cidade-Jardim de Piratininga (1932), próxima à Niterói. Este núcleo urbano seria autossuficiente e apresentaria um limite populacional em torno de 20 mil habitantes (12 mil a menos do que a cidade ideal howardiana). Formado em Paris, Attilio foi influenciado pelos ideais de Marcel Poète e da *Société des Urbanistes*, cujos conceitos da cidade verde eram recorrentes. No Brasil, o arquiteto alertava que estes princípios deveriam ser analisados cuidadosamente e aplicados de acordo com o contexto.

Outro profissional que percorreu cuidadosamente os mandamentos howardianos, decifrando e defendendo o verdadeiro sentido da *Garden-City*, foi o engenheiro carioca Armando Augusto de Godoy. Em 1931, o engenheiro redigiu o texto *A cidade-jardim* após sua visita aos exemplares franceses de Suresnes e Robinson. Os aspectos sociais trabalhados nestas duas localidades, priorizando a qualidade de vida das classes operárias, para Godoy, seria o real sentido desse gênero. A verdadeira Cidade-Jardim deveria proporcionar a estas classes todo o conforto da vida moderna. Anos mais tarde, quando Godoy assumiu o comando do projeto para Goiânia, identificaram-se as influências deste Movimento assim como de suas variantes, como a estabelecida por Clarence Stein e Henry Wright no subúrbio-jardim de Radburn (EUA).

O tipo Cidade-Jardim assumiu, inclusive, diversos papéis dentro do universo urbanístico brasileiro. Houve casos semelhantes ao da cidade de São Paulo, em que a adoção do partido seguiu em paralelo com a criação de loteamentos para classes elitistas, ao passo que outros profissionais basearam sua produção neste ideal para confeccionar planos de vilas operárias, pequenos loteamentos e estâncias balneárias.

Dentre os projetos que utilizaram este conceito como *marketing*, estereotipado ao estilo de vida da classe burguesa urbana, apresentam-se os trabalhos: do engenheiro Domingos Ferreira – urbanização da “Campina do Derby” na cidade de Recife (1922-1926) –; do engenheiro civil Zozimo Barroso do Amaral – “Cidade-Jardim” às margens

da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro (RJ) –; do engenheiro Ruy de Viveiros Léria – urbanização da “Vila Assunção” em Porto Alegre (1937) –; e do engenheiro Lincoln de Campos Continentino – bairro “Cidade-Jardim” na cidade de Belo Horizonte (1937-1938) (LEME, 1999).

A urbanização da “Campina do Derby”, realizada por Ferreira, definiu para a cidade do Recife um espaço de modernidade. Após a drenagem do terreno alagadiço e a abertura de um canal, o engenheiro traçou amplas e largas avenidas arborizadas entrecortadas por ruas sinuosas. O ambiente pitoresco do loteamento foi realçado após a inclusão de chalés e palacetes luxuosos nos estilos normando e neocolonial. Os espaços livres eram tomados por acontecimentos sociais, importantes da capital pernambucana, como desfiles, discursos, exposições etc.

Na capital carioca, o novo bairro “Cidade-Jardim” (**Fig. 04**), proposto por Amaral, apresentou caráter especulativo. O engenheiro pretendia retirar de uma área valorizada as ocupações clandestinas existentes (favelas), preenchendo-as com um loteamento residencial de alto padrão. Em texto publicado pelo autor em 1931, este relatou:

O bairro a ser aí construído [Lagoa Rodrigo de Freitas], com todos os requisitos de estética e de conforto, representa essa criação moderna de urbanismo que se denomina “Cidade Jardim”, criação tão espalhada na Europa e nos Estados Unidos e já esboçada em São Paulo, mas ainda desconhecida no Rio de Janeiro (Zozimo Barroso do Amaral, 1931, *in* ANDRADE, 1998)



**Fig. 04** Cidade-Jardim, Rio de Janeiro. Projeto de Zozimo Barroso do Amaral. (fonte: ANDRADE, 1998)

Em Porto Alegre, o projeto de urbanização da “Vila Assunção” foi direcionado para ocupação por uma classe média alta. Adequando-se à topografia local, suas vias

irregulares apresentavam rica arborização e o fundo dos lotes era voltado para uma área verde comum reservada aos moradores do loteamento. Assim como nos projetos de Parker para o Jardim América e de Pujol para o Jardim Europa, estes miolos de quadras em forma de pequenos parques apresentavam conexões com as vias através de pequenas passagens ajardinadas.

Na capital mineira, quarenta anos após sua inauguração (1897), o conceito Cidade-Jardim foi inserido no espaço urbano proposto por Aarão Reis. A inserção do plano do engenheiro Continentino na faixa após a Avenida do Contorno surgiu como contraponto à rigidez da malha central. Com traçado implantado conforme à geomorfologia do terreno, o projeto apresentava lotes de 1000 m<sup>2</sup>, com recuos frontais de no mínimo 10 metros e proibição de muros em alvenaria para vedação dos terrenos.

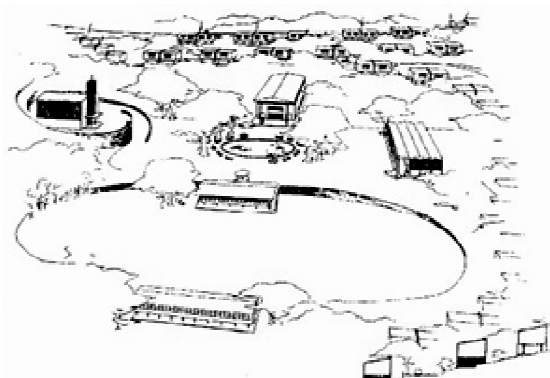
Se, por um lado, os planos de Cidades-Jardins atendiam às faixas mais altas da sociedade, de outro, havia profissionais interessados em aplicar (como defendia Armando de Godoy) este ideário em vilas operárias. Contratados por empresas, fábricas e complexos industriários, estes técnicos qualificavam o lugar de morar dos trabalhadores com maior conforto e salubridade.

O primeiro exemplo foi dado pelo engenheiro-arquiteto Angelo Bruhns que desenhou uma vila operária para a Companhia Comércio e Navegação. Construída no ano de 1921 em Niterói, esta vila apresentou a tipologia de habitação conjugada e implantada em meio aos jardins públicos, como havia sido defendido por Howard.

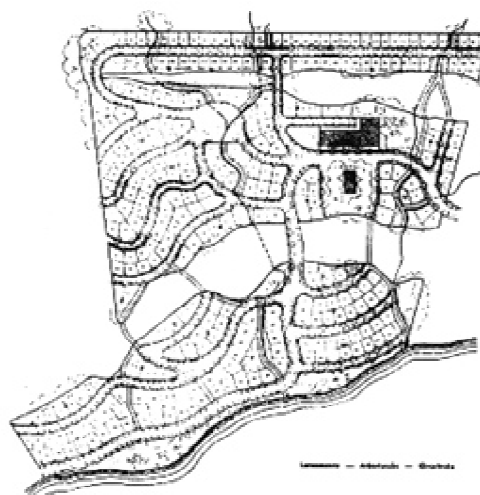
Em 1934, era a vez do urbanista Lucio Costa demonstrar sua proximidade com os conceitos de Cidade-Jardim e de Unidade de Vizinhança. Neste ano, o célebre urbanista projetou a vila operária de Monlevade (MG) (**Fig. 05**) que apresentava em seu interior, como o próprio autor confirma, áreas propícias ao “convívio e calor humano” (ANDRADE, 1998). Recusado, o projeto foi passado às mãos do arquiteto Ângelo Alberto Murgel que também dotou o plano de um caráter pitoresco (**Fig. 06**).

No mesmo estado, o engenheiro Francisco Baptista de Oliveira, na companhia dos arquitetos Giacomo Palumbo e Pedro Szidlowski, realizou o plano para o “Bairro Proletário Modelo” a pedido da Companhia Industrial Mineira. De traçado irregular e com uma hierarquia viária tendo por base o novo Código de Obras de autoria de

Armando Godoy, este projeto serviu para reduzir o déficit habitacional da cidade de Juiz de Fora.



**Fig. 05** Cidade de Monlevade, Minas Gerais. Projeto não executado de Lucio Costa. (fonte: ANDRADE, 1998)

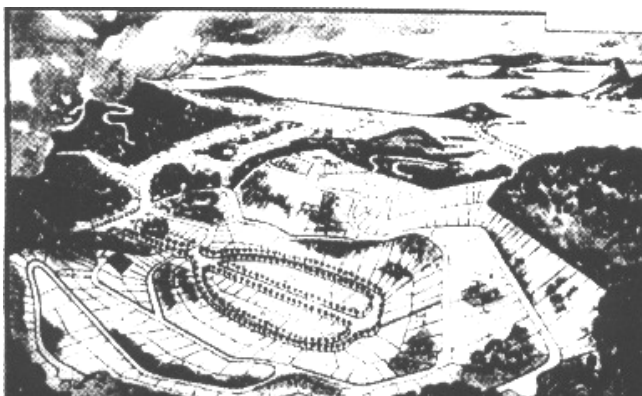


**Fig. 06** Cidade de Monlevade, Minas Gerais. Projeto de Ângelo A. Murgel (fonte: ANDRADE, 1998)

De volta ao Rio de Janeiro, com a cidade sob o comando do prefeito Henrique Dodsworth, deu-se início ao empreendimento “Cidade Jardim Laranjeiras” no ano de 1939 (**Fig. 07**). Financiado pela Companhia Têxtil Fiação e Tecelagem Aliança, este projeto urbanístico contava com uma avenida central ao fundo do vale, onde seria permitida a construção de edifícios de até 12 pavimentos. Paralelas à avenida, traçaram-se ruas, adequando-se às encostas dos morros, limitadas por lotes com construções de gabarito mais baixo e com devidos recuos.

Já empreendimentos residenciais de menor porte configuravam outra alternativa de aplicação do tipo Cidade-Jardim. Dentre estes, podemos citar dois conjuntos residenciais (1932), de autoria do arquiteto Victor Dubugras: o “Canadá Garden City” (**Fig. 08**), caracterizado por duas fileiras de casas isoladas implantadas ao longo de uma alameda de pedestres arborizadas; e a “Cidade Jardim” no bairro de Vila Isabel, conformada por “sobrados conjugados implantados ao redor de um pátio” (ANDRADE, 1998). O “Bairro Jardim Dr. José Procópio Teixeira” do engenheiro Francisco Baptista de Oliveira para a cidade de Juiz de Fora, onde novamente o engenheiro trabalhou os conceitos da *Garden-City*, tirando partido desta vez da utilização do elemento *cul-de-sac* (ruas locais, sem saída). E, em 1942, o “Bairro Residencial Autônomo da Chácara do Pires” (**Fig. 09**), na cidade de Porto Alegre, onde o engenheiro Otacílio Saboia, articulou, de forma competente, as áreas residenciais e os espaços públicos de lazer.





**Fig. 07** Cidade-Jardim Laranjeiras, Rio de Janeiro. (fonte: ANDRADE, 1998)

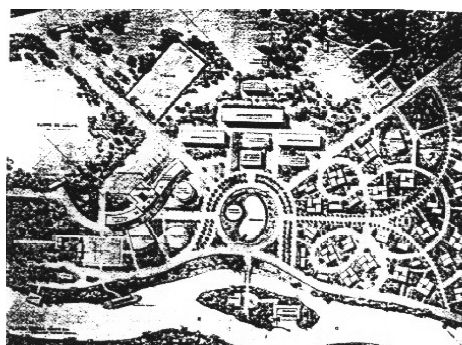


**Fig. 08** Canadá *Garden-City* projetada por Victor Dubugras. (fonte: ANDRADE, 1998)

Por fim, este conceito urbanístico serviu como partido para projetos de áreas e cidades voltadas à função recreativa. Em 1929, o arquiteto Giacomo Palumbo desenvolveu o plano para uma “Cidade Recreio” (**Fig. 10**) que se configurou pela urbanização de parte da orla marítima da cidade de Natal (RN). Em 1940, o arquiteto Luís Dodsworth Martins escreveu o texto *Um Projeto de Parque de Repouso Semanal nas Montanhas* para a revista *Arquitetura e Urbanismo*, disponibilizando seu projeto de uma “vila-jardim” próxima à cidade de Vassouras (RJ). Esta vila serviria como refúgio no campo aos moradores das grandes cidades, que ainda se beneficiariam da facilidade de acesso, uma vez que haveria uma estação ferroviária na entrada do empreendimento. Foram, todavia, os projetos apresentados para as cidades balneárias mineiras e paulistas, nas décadas de 1930 e 1940, nos quais o ideário da *Garden-City* inglesa se fez mais presente. Algo a ser explorado em outra oportunidade!



**Fig. 09** Bairro Residencial Autônomo da Chácara dos Pires, Porto Alegre. (fonte: ANDRADE, 1998)



**Fig. 10** Cidade Recreio, Rio de Janeiro. (fonte: ANDRADE, 1998)

## **Considerações finais**

Ao estudar a história do espaço urbano, identificando, na cidade industrial, a força motriz para criação de uma série de novas tipologias urbanísticas, verificamos a importância dos reformadores empiristas ou racionais. Originárias dos países centrais (Europa e Estados Unidos), as utopias logo se transformaram em possibilidades reais de serem implementadas graças à perspicácia de certas figuras (*e.g.* Ebenezer Howard e Le Corbusier) em capturar elementos dispersos e agrupá-los num único modelo (Cidade-Jardim e Cidade Funcionalista). Destes modelos, surgiram Movimentos responsáveis pela difusão destes ideais em terras distantes.

O Brasil, na passagem do século vinte e nas décadas posteriores se encontrava em plena mudança, assim como a Europa e os Estados Unidos da América após a Revolução Industrial. Ao buscar se assemelhar economicamente às transformações que ocorriam nos países industrializados ou pelas necessidades que a produção cafeeira impunha, o país iniciou um processo mais intenso de urbanização do território. A falta de uma escola própria de urbanismo, decorrente de uma deficiência urbanística do período colonial, fez de nossa urbanística uma colagem de modelos externos, adequando-os, porventura, ao contexto local quando o profissional tinha tal preocupação. Estes modelos transformaram as cidades existentes ou foram aplicados na criação de novas cidades, feitos decorrentes de ações governistas ou de iniciativa do capital privado. Distantes dos polos de origem – sem, portanto, uma necessidade de seguir à regra os mandamentos estipulados – estes exemplares abraçaram o vasto campo de experimentação que o país se tornou, mostrando, em certos momentos, soluções híbridas que resultaram em planos urbanísticos ímpares. Assim, construiu-se o urbanismo moderno brasileiro.

Cidades existentes foram reformadas, cidades novas foram construídas sob os olhos de Estados paternalistas ou pela ação especulativa de agentes imobiliários. A segregação social do espaço se fez presente, dando às classes mais abastadas melhores condições de vida, enquanto que a massa proletária era empurrada para regiões desqualificadas. O urbanismo moderno brasileiro nascia trazendo consigo as inovações urbanísticas trabalhadas no estrangeiro, sendo introduzidas em nossas cidades por intercâmbios de informações.

A assimilação de conceitos importados, dos quais nossos profissionais se apropriaram para criar seu repertório de trabalho, possibilitaram que diversas vertentes urbanísticas estrangeiras (Higienismo, *City Beautiful*, Cidade Artística, *Company Towns*, Cidade-Jardim, Cidade Funcionalista etc.) ressoassem em planos e intervenções elaborados para as cidades brasileiras na primeira metade do século passado. Dependendo do profissional, estas tipologias recebiam uma contextualização ao serem implementadas, respeitando os princípios originais; contrastando-se com o mero rebatimento das ideias ou apenas do nome para qualificar o espaço urbano.

Focalizando os estudos sobre a apreensão do ideário da Cidade-Jardim pela urbanística nacional, verificou-se o modo como este ideário foi introduzido e a forma como ele se difundiu pela ação de profissionais e empresas privadas que queriam fazer dele um novo modo de habitar a cidade. Aplicado sob a escala de loteamento, estes “Subúrbios-Jardins” ditaram os espaços onde famílias de maior poder aquisitivo deveriam morar. Porém, alguns profissionais levaram o modelo Cidade-Jardim às áreas intersticiais das cidades existentes, dando a estas regiões desvalorizadas o espaço para que classes mais baixas da sociedade pudessem ter acesso a um modo de vida mais digno.

Por fim, as experiências urbanísticas relatadas permite-nos afirmar que o ideário de Cidade-Jardim de Howard, ao iniciar do século vinte, já evidenciava os temas recorrentes das atuais discussões sobre cidade e natureza, pois preconizava uma paisagem dotada de qualidade ambiental. Além de uma abordagem mais social e econômica, visando a núcleos autossustentáveis, a preocupação ambiental howardiana abarcava também a qualidade do desenho urbano. Os inúmeros exemplares citados revelam a intervenção de profissionais preocupados em conjugar os conceitos teóricos com a realidade e necessidade locais, visando ao resgate da paisagem e a interrelação entre o meio ambiente e a sociedade. Exemplares que antecipam a ideia de cidade ambientalmente sustentável; exemplares que revelam a introdução do ideário da *Garden-City* inglesa na urbanística moderna brasileira.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. R. M. de. **Barry Parker** – um arquiteto inglês na cidade de São Paulo. Tese de doutoramento. São Paulo: FAU-USP, 1998.
- BEEVERS, R. **The garden city utopia**: a critical biography of Ebenezer Howard. Londres / Nova York: Macmillan / St. Martin's Press, 1988.

- BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CREESE, W. **The Search for Environment: the garden city before and after**. New Haven / Conn: M.I.T. Press, 1992.
- FREIRE, V. da S. Códigos sanitários e posturas municipais sobre habitações: alturas e espaço, um capítulo de urbanismo e de economia nacional. **Boletim do Instituto de Engenharia**, vol. 1, n. 3, p.229-355, 1918.
- GEDDES, P. **Cidades em Evolução**. Campinas: Papirus, 1994 (1916).
- HALL, P. **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- HARDY, D. **From Garden Cities to New Towns**. Campaigning for town and country planning, 1899 – 1946. Londres: Chapman & Hall, 1991.
- HOWARD, E. **Cidades-Jardins de Amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996 (1898).
- LEME, M. C. da S. (coord.) **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999.
- LEPETIT, B. **Por uma Nova História Urbana**. São Paulo: EdUSP, 2001.
- MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1980.
- SEGAWA, H. **Ao Amor do Público - Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- \_\_\_\_\_. Um inglês nos trópicos: o Jardim América. **Jornal de Resenhas**. São Paulo, Discurso Editorial/USP/UNESP/Folha de São Paulo, n. 83, p. 9, mar. 2002.
- TREVISAN, R. **Incorporação do ideário da Garden-City inglesa na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro**. Dissertação de mestrado. São Carlos: PPGEU-UFSCar, 2003.
- VILLAÇA, F. Uma Contribuição para a História do Planejamento Urbano no Brasil. In: DEÁK, C. & SCHIFFER, S. R. (orgs.). **O Processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: EdUSP, p. 169-244. 1999.
- WARD, S. V. (ed.). **The Garden City: past, present and future**. Londres: Chapman & Hall, 1992.
- WOLFF, S. F. S. **Jardim América**. São Paulo: EdUSP, 2001.